

“LÁ EXISTE TUDO QUANTO É BELEZA”: OLHARES SOBRE A HISTÓRIA E A LITERATURA DE CORDEL.

GOMES, Germana Guimarães. *

Sempre estamos em busca da felicidade, em busca da realização de nossas aspirações, desejos e vontades. Às vezes suprimos esses anseios numa postura pautada no real, no realizável, mas às vezes a colocamos numa vertente utópica, que nunca será realizada, mas que sonhamos com tal realização. Foi assim que inúmeras civilizações aspiravam encontrar terras encantadas, paraísos terrestres ou celestes, locais de abundância e felicidade diante de um mundo de injustiça e de tristeza. Pensando essa realidade encontrada não só nos tempos antigos ou séculos passados, mas encontradas ainda hoje, através de sonhos e idéias vinculados ao irreal que buscamos nessa pesquisa fazer uma análise em torno da autoria Manoel Camilo dos Santos e de seu cordel *Viagem a São Saruê*, assim também como discutir a Literatura de Cordel no Nordeste, como um discurso que também constrói a identidade desta região.

Para a análise da autoria e da obra de Manoel Camilo dos Santos têm-se nessa pesquisa como aporte teórico as análises sobre a autoria e discurso de Michel Foucault. Este coloca o lugar do autor como um lugar não dado, mas atravessado por discursos que constroem a autoria, naturalizando-a e tornando os discursos históricos. É nesse sentido que propomos desmistificar o lugar naturalizado por Manoel Camilo dos Santos, construindo assim um outro olhar sobre sua obra. Além da contribuição foucaultiana, têm-se também como subsídio e fonte nessa pesquisa os cordéis e a autobiografia de Manoel Camilo dos Santos, esta última intitulada “*Autobiografia do Poeta*” (1979). Através dessas fontes pudemos construir a trajetória desse autor, buscando entender como este chegou a ser o que é e como sua literatura contribuiu para a construção da identidade nordestina. Contudo, ao analisar a trajetória de vida deste autor, não implico dizer que a volta ao passado deste, assim como a análise de sua autobiografia, remeterá à verdade dos fatos, porém mostrará os meios de entendermos as relações de poder que atravessaram sua maneira de ver e dizer nos cordéis, ou seja, as relações de amizades, as suas leituras, como escreveu e o que escreveu, serão fundamentais para entendermos as condições históricas que deram visibilidade à sua autoria.

Como muita das autobiografias ou biografias possui brechas, lacunas é no conhecimento destas brechas escondidas pelas autobiografias ou biografias que também faz parte da trajetória de vida, que tento fugir da maneira tradicional de explicar os sujeitos históricos a partir de uma perspectiva linear. Em “*Usos da Biografia*” LEVI nos mostra o lugar ambíguo das biografias e autobiografias, estas se tornam segundo este autor tanto um instrumento de pesquisa social como também um instrumento que deve ser problematizado nas pesquisas, na medida em que esta se torna um instrumento incapaz de apreender a essência de um indivíduo, do contexto no qual este escreve ou é descrito sua vida. É na verdade entendendo o lugar da biografia e das autobiografias como um lugar social, um lugar intrínseco de relações de poder que se compõe à discussão autobiográfica de Manoel Camilo dos Santos.

Vivemos hoje uma fase intermediária: mas do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambigüidades. Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e

de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes as praticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais. (LEVI, 1989, p.167)

Natural de Guarabira, mas precisamente do distrito de Alagoinha, o autor Manoel Camilo dos Santos se destaca no cenário nordestino como também no nacional pela sua produção de cordéis. Este através de seus cordéis produziu discursos e deparou-se com discursos que o formaram. Com suas leituras, profissões (vendedor em padarias, em lojas, vendedor ambulante, etc.), contatos com (Rodolfo Coelho Cavalcanti, Sebastião Nunes Batista, Francisca Borges, etc.), ou seja, através das relações com outros discursos, acabou por conseguir se tornar visível como autor de cordéis no Nordeste e fora dessa região.

Em seu cordel “Viagem a São Saruê” este autor nos mostra o seu papel como autor de cordéis, como escritor de determinados temas naturalizados, mas que se sobressai, a partir do momento em que se singulariza ao retratar um sertão paradisíaco e utópico, diferente dos demais cordéis que retratam o sertão dessa região.

Folheto composto por dez páginas com 31 sextilhas e duas décimas, o cordel “Viagem a São Saruê” destaca-se entre os cordéis de Manuel Camilo dos Santos, por apresentar o sertão, não do ponto de vista dos discursos proferidos sobre essa região, como o discurso da seca, da fome, da miséria, mas desconstruindo essa “realidade” socioeconômica, essa realidade histórica territorializando o sertão numa dimensão utópica de paraíso idealizado. Criado e publicado em 1947, este cordel acabou por conferir uma outra identidade para o espaço sertanejo nas mãos de Manoel Camilo dos Santos, que focalizou este sertão numa perspectiva marcada pela fartura, beleza e felicidade perenes. Como a inversão do Nordeste sofredor, “São Saruê” passa a ser o sonho que projeta no futuro as expectativas do autor. E é buscando entender como o autor projetou esse belo, esse ideal de paraíso, que proponho nesta pesquisa analisar o cordel “Viagem a São Saruê”, que foi traduzido para o francês no ano de 1979, repercutindo internacionalmente.

Em “Viagem a São Saruê” institui-se os valores, os costumes, as tradições do povo sertanejo pela construção de uma rede simbólica povoada por mitos e imagens presentes no imaginário social brasileiro. O universo poético de “São Saruê” assinala um deslocamento espacial que estabelece o sertão; imaginado e idealizado e o “lá” para onde vai o poeta, que é diferente do sertão real. Entretanto, os valores, os costumes e as tradições são os mesmo de lá e cá. É nesse contexto que busco verificar a idealização do sertão feita poeta Manoel Camilo do Santos, a partir de suas leituras religiosas e do contexto sócio-cultural desta região, mediante ao enfoque a tradição, os costumes do povo sertanejo visto no cordel.

Exigindo um olhar metuculoso, cultivando detalhes, analisando aquilo que é aparentemente é insignificante, propõe-se entender os lugares de exclusão, de interdição e de inclusão, transmitidos e apoderados pelo poeta Manoel Camilo dos Santos em seus cordéis, daí a necessidade em pensar o lugar de cordelista desse autor como um lugar não dado, não pronto, mas criado socialmente. Essa obra emerge em um contexto marcado pela ampliação nas discussões em torno do modo de ser do nordestino, que

vinham sendo efetuadas nos círculos intelectuais desde o início do século XX, sendo ampliadas pelos discursos regionalistas.

Transformações históricas possibilitaram a idéia que hoje temos da região Nordeste. Esse ambiente vem sendo reelaborado desde o início do século XX, e na década de 1940 (década da composição e publicação do cordel *Viagem a São Saruê*) ainda se encontrava marcado pela continuidade da discussão regionalista da década de 20. mecanismos foram construídos e são construídos para se colocar o Nordeste e o nordestino como vítimas, miseráveis. Não estando o poder exterior a nós, fazemos parte da construção dessa região, pois é na sua própria locução que essa região é encenada produzida e designada. É desnaturalizando essa região que problematizo sua invenção no campo das práticas discursivas.

Em Nordestino: uma invenção do falo (2003), Albuquerque Júnior nos coloca que essa região vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção desde o início do século XX. O Nordeste vem sendo produzido na historiografia e na sociologia regional, vem também sendo reproduzido pela literatura popular e erudita, pela música, pelo teatro entre outros meios discursivos. A criação em 1924 do Centro Regionalista do Nordeste exerceu um forte domínio nessa produção, pois este tinha como principal objetivo saudar o tradicional, o regional criticando assim as formas mordenizadoras surgidas com a Abolição da Escravatura e a instauração da República. Como afirma Albuquerque Júnior nessa citação:

Discurso explícito de conteúdo autoritário e conservador, vão considerar as tendências da democratização brasileira como exóticas, não fazendo parte das tradições nacionais, que precisavam ser defendidas para não perder sua originalidade, identidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.32)

Segundo este autor, o tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX, este surgiu quase ao mesmo tempo com o recorte regional do Nordeste em torno da primeira metade do século XX. *“Podemos constatar que esta identidade regional vai ser firmada de forma lenta, convivendo até os anos 30 com outras designações: nortistas, cearense, sertanejo, brejeiro...”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.149).

Inventado como espaço regional, o Nordeste vai aparecer principalmente vinculado a dois temas que mobilizam as elites dessa área do país fazendo emergi-los, eles são: a seca e a crise da lavoura. Esses temas vão ser também elaborados por outras formas discursivas como, por exemplo, a literatura de cordel, que é um dos estudos nessa pesquisa. O cordel assim como outras literaturas vai exercer um forte domínio na exposição do ser nordestino a partir de temáticas como da imigração, da seca, da fome, do abandono político entre outros.

Focando acerca da literatura e de seu poder de construção, ANTUNES nos mostra como os fenômenos da seca, da migração e do misticismo foram sendo associados a essa região. Para esta autora a literatura desempenha um papel importantíssimo na construção da identidade nordestina, construindo e reforçando discursos através de sua função seletiva. A linguagem literária tanto pode mascarar, como incluir ou excluir determinados temas.

Há, portanto em torno dessa região a existência de grupos capacitados e autorizados a definir e nomear o senso comum, as identidades e as representações de uma determinada sociedade. A literatura passa a exercer esse poder na medida em que esta poder mascarar uma realidade ou divulgar, incluir algo ou excluir. Existe uma luta simbólica pelo monopólio da nomeação da visão legitimada do mundo. (ANTUNES, 2002, p.130)

Foi, portanto, a partir desses discursos naturalizados que Manoel Camilo dos Santos compôs sua vasta obra de cordel e se instituiu como autor nordestino. Este autor conferiu a seus cordéis temáticas “próprias” dessa região, isso se percebe nas centenas de cordéis dos mais variados temas produzidos por ele. Manoel Camilo recriou em seus cordéis romances, como “*A Bela Sertaneja*” e “*Amantes Encarcerados*”; histórias do cangaço, como o “*Terror do Banditismo*” e “*Monstros da Paraíba*”; aventuras, como “*As aventuras de Pedro Quengo*”; pelejas, como “*A primeira peleja de Manoel Camilo dos Santos como Romano Elias*”; religiosidade, como “*Nascimento vida e morte de Jesus*”; entre outros cordéis. Santos, assim como outros cordelista naturalizou em seus cordéis temas que foram associados à região Nordeste. “*Viagem a São Saruê*” nos mostra o papel do poeta Manoel Camilo dos Santos como autor de cordéis, como escritor de determinados temas naturalizados, mas que se sobressai, a partir do momento em que se singulariza ao retratar um sertão paradisíaco e utópico, diferente dos demais cordéis que retratam o sertão dessa região.

É, pois no diálogo entre a História e a Literatura que essa pesquisa se pauta. Esses diálogos têm sido cada vez mais frequentes nas pesquisas feitas pelos historiadores. Vê-se cada vez mais a busca por se trabalhar com as novas tendências historiográficas a partir nesse sentido do uso de novos objetos, novas abordagens, novas fontes e documentos. Como fonte de pesquisa histórica, como também uma nova linguagem, a literatura nos mostra ambientes, paisagens, contrastes sociais, modos de sentir, construindo assim como a História o contexto social ser estudado.

Lugar de construção da identidade nordestina, a literatura de cordel configura-se como uma das mais importantes marcas da cultura brasileira. Vinda da Europa, essa modalidade cultural surgiu no contexto feudal a partir dos registros de poetas andarilhos, trovadores, menestréis que vagando de um lugar para o outro, cantavam e divulgavam fatos históricos, poesias eruditas, cenas de teatro, novelas tradicionais entre outros acontecimentos.

Iniciado no interior das cantorias, a impressão facultou a alguns dos poetas a possibilidade de editar suas composições, levando os textos para lugares e momentos em que o poeta não podia estar. Embora não haja restrições temáticas, essa produção está fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas, realidade essa que se encontra atrelada a mecanismos de poderes. Percebe-se na produção dessa literatura no Nordeste, críticas ao sistema político, social e econômico, assim também como o desejo por mudanças nessas estruturas, seja numa visão real das coisas, como também numa visão utópica, como retrata o cordel “*Viagem a São Saruê*” de Manoel Camilo dos Santos. Através da disseminação de conteúdos, temas, a literatura de cordel no Nordeste se mostrar como uma arte que constrói e que mantém as formas culturais dessa região naturalizadas. A literatura de cordel nordestina se encontra dentro

de um âmbito discursivo que selecionam determinados temas, que exclui e incluem determinados temas, construindo a história do povo nordestino. Essa arte revela o mundo fascinante, um mundo muitas vezes injustiçado, mas que se sobressai pelos sonhos do nordestino por uma vida melhor contadas nas aventuras, nas histórias utópicas, e engraçadas do cordel.

Espaço instigador de leituras e interpretações. A literatura de cordel se constrói como um espaço congregador e ao mesmo tempo dissipador de várias vozes. “*As coisas não falam mais, elas são faladas, pensadas, organizadas, classificadas*” (KHALIL & GASPAS, 2004, p. 219). O discurso literário traz fios que incitam a reinvenção, a recitação e a reinterpretação. Reinventando-se, reinterpretando discursos, vozes do imaginário mítico, bíblico e regional do Nordeste, Manoel Camilo dos Santos se configura.

Analisando a autoria de Manoel Camilo dos Santos e discutindo o seu cordel “Viagem a São Saruê”, assim também como a literatura de cordel no Nordeste, esse artigo possibilita a discussão em torno de um tema bastante interessante para se pensar o Nordeste. Devemos entender essa região como um lugar de construção, um lugar regido por estruturas de poder que legitimam e nomeiam algo o tornando naturalizado. É dentro dessa ótica que discutimos a autoria e o cordel de Manoel Camilo dos Santos. Este assim como outros autores de cordéis como Milanês, Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde contribuíram para a divulgação de determinados temas instituídos como naturais no Nordeste como: a seca, a imigração, a mulher macho, a esperteza do nordestino, a brutalidade deste e inúmeros outros. Porém, em “Viagem a São Saruê” esse autor se mostrou singular ao discutir a temática da seca no Nordeste de uma forma diferente dos demais cordéis. Manoel Camilo se apaga em sua função de autor, ele sai do convencional ao construir um sertão utópico, onde a ausência de trabalho, o dinheiro fácil, a abundância de alimentos e a felicidade se tornam a tônica da vida para o nordestino.

Referências:

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1999.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920-1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ANTUNES, Nara Maria de Maia. **Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura**. IN: BURITY, Joanildo A. (org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.125-140.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1969, p. 264 – 298.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2000

KHALIL, Marisa Martins Gama; GASPAS, Nádea Regina. **Foucault, o discurso literário e a linguagem imagética**. In: BARBOSA, Pedro Navarro; SARGENTINI,

Vanice. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

LEVI, Giovanni. “**Usos da Biografia**”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p. 167- 182.

SANTOS, Manoel Camilo. **Autobiografia do poeta**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande: Folheteria Estrella da Poesia, 1965.